

MIOLAR É AFETO: A COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA DO TERREIRO DAS PRETAS NO CARIRI CEARENSE

*MIOLAR IS AFFECTION: THE TERREIRO DAS PRETAS ANTI-RACIST
COMMUNICATION IN CARIRI, CEARÁ*

*MIOLAR ES AFECTO: LA COMUNICACIÓN ANTIRRACISTA DEL TERREIRO DAS
PRETAS EN EL CARIRI, CEARÁ*

Original recebido em: 13 de outubro de 2025

Aceito para publicação em: 28 de abril de 2026

Publicado em: 2 de julho de 2026

Marcela Kaylany Gomes da Silva

Universidade Federal do Cariri (UFCA), Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil

Elane Abreu de Oliveira

Universidade Federal do Cariri (UFCA), Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender de que formas o Terreiro das Pretas, um aquilombamento autônomo da família Neves Carvalho, localizado em Crato, na região do Cariri, no Ceará, intervém no contexto regional por meio de ações comunicativas que enfrentam o racismo estrutural e promovem novas formas de narrar e resistir do povo negro. O percurso metodológico se baseia em revisão bibliográfica, observação participante e entrevistas, e evidencia como o Terreiro se ancora na ancestralidade e na escuta coletiva. Dentre as ações comunicativas, destacam-se a miolagem e as iniciativas do CinemÁfrica e do Projeto Oliveira's, ambos articulados como coletivos do Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC). Essas ações demonstram como o Terreiro produz narrativas protagonizadas por sujeitos negros, fortalecendo vínculos comunitários e produzindo pedagogias vivas de resistência.

Palavras-chave: Comunicação antirracista; Terreiro das Pretas; Quilombo; Ancestralidade; Miolagem.

ABSTRACT

This study aims to understand how Terreiro das Pretas, an autonomous aquilombamento established by the Neves Carvalho family and located in Crato, in the Cariri region of Ceará, Brazil, intervenes in its regional context through communicative practices that confront structural racism and foster new ways for Black people to narrate their histories and resist oppression. The methodological approach is based on a literature review, participant observation, and interviews, highlighting how the Terreiro is grounded in ancestry and collective listening. Among its communicative practices, particular emphasis is given to

miolagem and to the initiatives CinemÁfrica and Projeto Oliveira's, both organized as collectives within the Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC). These initiatives demonstrate how the Terreiro produces narratives centered on Black subjects, strengthening community bonds and creating living pedagogies of resistance.

Keywords: Anti-racist communication; Terreiro das Pretas; Quilombo; Ancestry; Miolagem.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender de qué maneras el Terreiro das Pretas, un aquilombamento autónomo de la familia Neves Carvalho, ubicado en Crato, en la región del Cariri, en Ceará, interviene en el contexto regional por medio de acciones comunicativas que enfrentan el racismo estructural y promueven nuevas formas de narrar y resistir del pueblo negro. El enfoque metodológico se basa en una revisión bibliográfica, observación participante y entrevistas, y pone en evidencia cómo el Terreiro se fundamenta en la ancestralidad y en la escucha colectiva. Entre las acciones comunicativas, se destacan la miolagem y las iniciativas de CinemÁfrica y del Projeto Oliveira's, ambos articulados como colectivos del Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC). Estas acciones demuestran cómo el Terreiro produce narrativas protagonizadas por sujetos negros, fortaleciendo los vínculos comunitarios y produciendo pedagogías vivas de resistencia.

Palabras clave: Comunicación antirracista; Terreiro das Pretas; Quilombo; Ancestralidad; Miolagem.

1. INTRODUÇÃO

A construção de discursos antirracistas no Brasil contemporâneo exige a análise atenta das práticas culturais e comunicativas desenvolvidas por coletivos e territórios de resistência, especialmente aqueles que emergem de contextos periféricos e de forte presença da população negra. Nesse sentido, este artigo propõe um recorte do estudo das ações e metodologias implementadas pelo Terreiro das Pretas, compreendendo-o como um espaço dinâmico de articulação sociocultural, educação popular e afirmação identitária. O estudo busca as práticas adotadas pelo Terreiro para fortalecer a consciência racial e promover uma comunicação antirracista, reinventando narrativas.

Este recorte de pesquisa se concentra na investigação de importantes modos e frentes de atuação do Terreiro ativadas pela comunicação: a miolagem, o Projeto Oliveira's e o CinemÁfrica. A miolagem é uma tecnologia ancestral e afetiva praticada na fala e escuta como acolhimento das irmãs Valéria Carvalho e Verônica Carvalho, lideranças do Terreiro. Já os dois outros projetos, que ativam comunitariamente produções audiovisuais e fotográficas, exemplificam a utilização estratégica da comunicação como ferramenta de visibilidade, crítica social e fortalecimento da produção cultural negra. Por intermédio dessas ativações, o Terreiro

agencia saberes ancestrais e contemporâneos, articulando-os em prol de uma intervenção social que valoriza a identidade negra e combate as estruturas do racismo. Para alcançar os objetivos deste estudo, a metodologia adotada combina diferentes abordagens qualitativas, estruturadas em três etapas principais: uma revisão bibliográfica, abordando temáticas como comunicação, racismo, antirracismo, quilombos, terreiro e resistência. Em seguida, é realizada a pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas com membros do Terreiro e de suas frentes de atuação, buscando captar diferentes percepções sobre as práticas e as repercussões dessas iniciativas. Por fim, a observação participante das ações promovidas possibilitou uma aproximação sensível e crítica da realidade vivida pelo coletivo.

2. COMUNICAÇÃO: DOS AFETOS AO ANTIRRACISMO

O ato de comunicar não se trata apenas de transmitir uma informação, mas de uma complexibilidade na interação entre duas ou mais pessoas. No livro *Estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*, Muniz Sodré (2006) apresenta uma reflexão sobre a comunicação como um fenômeno que vai além da simples transmissão de informações racionais. Segundo Sodré (2006), a comunicação possui um forte vínculo com o afeto, sendo essencial na construção das emoções, identidade e poder. Ele explora principalmente como a comunicação é utilizada para mobilizar o público e formar opiniões, dando ênfase no contexto midiático e político. Além do viés lógico e racional, implica em pensar a comunicação como um ato de afeto, capaz de formar laços emocionais e, conseqüentemente, de exercer poder sobre a tomada de decisões das pessoas. O autor argumenta que “a relação comunicativa, além da informação veiculada pelo enunciado, portanto, além do que se dá a conhecer, há o que se dá a reconhecer como relação entre duas subjetividades” (Sodré, 2006, p. 10).

É importante fazer uma diferenciação entre a comunicação hegemônica midiática e a comunicação que se dá nas relações e vínculos, indo além das mídias tradicionais. A “articulação das instituições com as mídias”, para Sodré (2006, p.16), desenha aparatos de comunicação institucionais, tais como veículos de massa e mídias hegemônicas. Já a comunicação sob o prisma relacional e afetivo se dá nas “estratégias sensíveis” advindas do “agenciamento cognitivo” entre formas sensíveis e sujeitos. Sodré (2006) reflete sobre a forte influência que a mídia possui também nas crenças e valores, tornando assim a comunicação um campo afetivo e com forte poder de “controle” sobre as pessoas. Ele enfatiza que a comunicação é um ato político em si, pois consegue mobilizar diferentes esferas, como visto em campanhas de conscientização ou em movimentos sociais. Contudo, as narrativas atravessadas pelo afeto

acabam por gerar mobilizações políticas e transformar o sentimento coletivo em ação concreta. Por exemplo, em manifestações de movimentos sociais como o Movimento Negro, onde há emoção coletiva e identidade compartilhada, existe uma estratégia que visa a desafiar as estruturas de poder.

Para as irmãs Verônica Carvalho e Valéria Carvalho (2025), mulheres pretas do Terreiro, educadoras populares e cofundadoras do GRUNEC, Grupo de Valorização Negra do Cariri, fundado em 2001, a comunicação é fundamental nos repasses da memória e das histórias. Para elas, assim como para Sodré (2006), a comunicação mobiliza sentimentos e afetos e, com isso, torna-se um poderoso instrumento de influência nas relações políticas e sociais. Elas afirmam que “pouco serve o domínio da tecnologia e técnicas de comunicação se não alcança, por exemplo, os quilombolas, ou indígenas; é preciso saber e comunicar, para a memória não se perder”. Para contextualizar a afirmação, exemplificam:

A comunicação precisa dialogar com o jeito de ser e fazer das pessoas. Você vai comunicar o quê? Para quem? Um exemplo atual é a patrimonialização da Chapada do Araripe. Se você chegar para qualquer morador da Chapada do Araripe e perguntar o que é essa patrimonialização, não saberão responder. Essa comunicação é fundamental para nos situarmos dentro de um território, e ela não está alcançando as pessoas necessárias.

Especificamente, a Chapada do Araripe está situada no sudeste do Ceará e inclui municípios como Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha e Missão Velha, que estão no coração da região do Cariri, área no sul do Ceará, abrangendo também partes de Pernambuco e Piauí. O Cariri, especialmente a Chapada do Araripe, é uma região reconhecida pela sua biodiversidade, fósseis pré-históricos, além de ser rica em manifestações culturais. No sopé da Chapada, residem comunidades tradicionais que vivem da agricultura e do comércio. São essas pessoas a quem as irmãs Carvalho se referem quando falam da candidatura da Chapada do Araripe a Patrimônio Cultural da Humanidade.

Diante da importância da comunicação, é necessário também pensá-la como ferramenta propulsora, capaz de fazer perdurar ideais, princípios, estereótipos, seja por meio de signos, ou regras semióticas mutuamente entendíveis. É exatamente assim que a comunicação reflete o racismo. Em um trecho do artigo *Por uma semiótica antirracista* (Rocha; Santana, 2020, p. 3), é argumentado que “enquanto processo histórico, o racismo estrutura também a cultura e toda sorte de relações simbólicas e materiais que ela comporta”. Ou seja, o racismo afeta as percepções, ideias e representações sociais, estando fortemente embutido nas próprias estruturas sociais e culturais que regem a vida em sociedade.

A partir da visão dos autores, dentro da perspectiva de Saussure, alguns tipos de signos foram pensados, a exemplo do signo linguístico, e carregam expressões que reforçam o imaginário racista, como “criado mudo, mulata e denegrir” (Rocha; Santana, 2020). A comunicação se consolida como parte importante nesse processo e com grande potencial na construção e desconstrução do racismo. Neste cenário desafiador, a comunicação - enquanto fenômeno material midiático e também como dinâmica afetiva e relacional - é impelida ao debate sobre o racismo. Por experiências de comunicação, informações são transmitidas ao mesmo tempo em que são organizados sentidos na perpetuação do imaginário racista. Por muito tempo, essa discussão da relação entre comunicação e racismo esteve ausente da agenda pública, como afirmam Márcia Guena, Andréa Rosendo da Silva e Céres Santos (2023, p 5). Os meios de comunicação, enquanto dominação simbólica, são significativos para reforçar os imaginários e representações sociais do corpo negro e a ausência da discussão sobre as pautas raciais reflete também um “pacto de branquitude” cuja ideia é manter a estrutura que privilegia o padrão racial branco, invisibilizando as pautas negras. A psicóloga e ativista brasileira Cida Bento, em *O pacto da branquitude* (2022), reflete sobre como esse processo acontece de forma naturalizada.

O privilégio branco é entendido como um estado passivo, uma estrutura de facilidades que os brancos têm, queiram eles ou não. Ou seja, a herança está presente na vida de todos os brancos, sejam eles pobres ou antirracistas. Há um lugar simbólico e concreto de privilégio construído socialmente para o grupo branco (Bento, 2022, p. 63). Dentro dessa perspectiva, ocorre uma maior invisibilidade de pautas negras e, dessa forma, a perpetuação dos privilégios de pessoas brancas. Logo, a ausência da reflexão de pautas raciais nos meios de comunicação massivos reforça as desigualdades sociais e exclusão de grupos negros em sociedade. Segundo Guena, Silva e Santos (2023, p 2), em torno de 1998, a exclusão dos grupos negros se devia ao “coronelismo eletrônico”, manifestação do poder privado que buscava tirar proveito do poder público. Segundo as autoras, “os meios de comunicação se fortaleciam nas mãos de poucas famílias, reproduzindo um modelo secular de concentração dos meios de produção, denominado por muitos autores de ‘coronelismo eletrônico’”. Há a exclusão dos grupos subalternizados como negros e indígenas nesse processo.

Atualmente, essa exclusão e representação negativa se dá devido à ausência de debates e reflexões mais humanizadas sobre as relações raciais nos meios de comunicação de massa. No entanto, essa realidade vem sendo reformulada. Em uma reportagem publicada em 2023, na Agência Brasil, intitulada *Jornalistas negros desafiam abordagens racistas da mídia*

tradicional, é feita uma reflexão sobre a imprensa negra no século XXI, e como tem sido expressivo o número de veículos se identificando como perfis negros, como o *Alma Preta* e o *Notícia Preta*, portais de comunicação que reforçam a necessidade de abordar as questões raciais dentro de todas as esferas da vida social (Nunes e Paz, 2023). O crescimento significativo desses *sites* dá visibilidade às pessoas negras e denuncia a violência sistemática em todos os campos; na política, economia, cultura e esporte. As reportagens sobre crimes raciais, desigualdade racial e outros temas são o foco principal e contribuem para que essas pautas possam transitar em outros meios de comunicação, desconstruindo o imaginário estereotipado da sociedade sobre a pessoa negra (Nunes e Paz, 2023). No Ceará, uma iniciativa que se destaca é o portal *Ceará Criolo*, criado em 2018 e dedicado à comunicação e autoafirmação da população negra, em movimento inclusivo e de identificação com pautas positivas.

O papel político dessas mídias se volta às condutas antirracistas. O antirracismo é uma prática contra a discriminação racial que visa, por meio de ações, a reconhecer um sistema opressor com todos os seus privilégios e lutar contra ele, em suas variadas esferas, seja cultural, econômica e política, sendo uma responsabilidade coletiva e cotidiana (Ribeiro, 2018). A autora Djamila Ribeiro (2018) defende que a luta antirracista não é responsabilidade exclusiva das pessoas negras, mas sim de toda a sociedade, incluindo os brancos. Ela argumenta que os brancos têm uma responsabilidade de agir para desconstruir o racismo, tanto no nível individual quanto coletivo, colaborando para transformar as estruturas que mantêm as desigualdades raciais.

Verônica e Valéria Carvalho (2025), lideranças do Terreiro das Pretas e fundadoras do Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC), ressaltam a importância dos movimentos negros no Cariri e sua continuidade. Elas afirmam que é necessário ter gratidão “aos primeiros grupos que trouxeram essa discussão do povo negro para a região do Cariri, em meados de 1999, início dos anos 2000, embalado no que acontecia lá fora, que era a conferência de Durban na África do Sul”. Em meio à forte atuação durante os anos, muitos outros grupos foram se consolidando e ganhando forças na cidade de Crato, como a Marcha das Mulheres Negras, que acontece desde 2015. Para as irmãs, que tiveram seu bisavô libertado do regime escravocrata e, logo em seguida, morador de uma comunidade quilombola, denominada Saco dos Cansanção, em Pernambuco, o quilombo é legado de resistência e memória.

3. AQUILOMBAR: DAS COMUNIDADES NEGRAS AO TERREIRO DAS PRETAS

Em sua obra *O Quilombismo*, publicada em 1980, o ativista Abdias Nascimento defende que o quilombo possuía um modelo de organização autossustentável, onde os negros eram capazes de se organizar e produzir de maneira independente, o que contrastava com a exploração imposta durante o período da escravidão. Essa visão do quilombo como espaço de liberdade, autossuficiência e resistência, foi uma das bases de sua reflexão sobre a negritude e o empoderamento das populações negras no Brasil. Desta forma, o quilombo simbolizava uma alternativa ao modelo social imposto pelo Brasil escravocrata e pelo racismo estrutural que ainda perdura (Cunha, Silveira, 2021).

A ideia de autonomia e senso de coletividade praticadas nos quilombos são pensadas por Nascimento (1980) como um modelo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, especialmente para os negros. Ele reflete sobre como as comunidades que se alocaram em locais distantes e perpetuaram suas tradições foram fundamentais para a afirmação da identidade negra no Brasil, sendo símbolos da luta contra a escravidão e a marginalização. A questão dos quilombos contemporâneos também foi abordada por ele, em especial no contexto das comunidades quilombolas que ainda existem no Brasil, que são descendentes dos antigos quilombos, e ocupam um espaço de identidade.

Atualmente é possível pensar os quilombos não apenas como lugares de resistência, mas também espaços de construção de uma nova identidade, assim afirma Beatriz Nascimento (2022), historiadora, socióloga e militante. Em *O negro visto por ele mesmo*, a autora expõe que os quilombos foram locais onde as culturas africanas puderam se preservar e se expandir, a partir de ritos, religiões, músicas, danças e a convivência comunitária. Nascimento ressalta a importância de fortalecer a memória quilombola no contexto contemporâneo.

O quilombo pode ser um lugar onde as pessoas possam viver mais livremente. No Rio de Janeiro, o Quilombo é uma favela, é um movimento como o Black Rio, ou uma nova escola de samba do subúrbio como o quilombo de Palmares. (Nascimento, 2022, p. 130).

Para a pensadora, as favelas e o carnaval podem ser vistos como uma continuação do quilombo, espaços simbólicos e de resistência viva para afirmação da cultura afro-brasileira. Ela faz uma analogia entre os quilombos históricos e as favelas atuais, tratando-as como territórios de resistência onde os negros lutam para preservar sua identidade e autonomia, mesmo diante da pobreza, da violência policial e do racismo estrutural. As favelas, assim como os quilombos, são espaços de sobrevivência, mas também de reafirmação cultural e comunitária. A autora também aborda o quilombo como uma metáfora para a construção de

uma nova identidade para os negros no Brasil. A ideia de quilombo não se limita ao espaço físico, mas se expande para uma questão cultural e política. A formação de comunidades negras e a luta pela preservação de suas culturas são, para ela, fundamentais para a criação de uma identidade coletiva que desafia a dominação cultural imposta pelos colonizadores.

Um outro olhar sobre o quilombo, pensado a partir de uma perspectiva de espaço de fuga e resistência à opressão colonial, é apresentado na obra *Colonização, quilombos: modos e significações*, de autoria de Antonio Bispo dos Santos (2015), também conhecido como Nego Bispo, ativista político, poeta, escritor, professor e líder quilombola brasileiro. Na sua obra, Bispo dos Santos argumenta que o quilombo representa um espaço de subversão das normas e das leis coloniais, sendo um local onde o negro resistia à imposição de uma identidade submissa e inferior, sendo um refúgio, mas também um modo de vida que representa a busca por autonomia e liberdade dentro de uma sociedade que negava essas condições.

Ambos os pensadores enfatizam a importância cultural do quilombo, mas enquanto Nego Bispo (2015) foca no quilombo como um modelo social de resistência que se opõe ao sistema colonial, Beatriz Nascimento considera o quilombo uma expressão viva nas práticas culturais contemporâneas, já que, por sua vez, ela amplia essa perspectiva ao considerar o quilombo uma expressão da identidade negra que continua sendo vivida nas manifestações culturais, como o carnaval, as festas populares e os ritos de comunidades negras.

Diante desse contexto, o Terreiro das Pretas deixa de ser apenas um ponto de encontro e pode ser entendido como um quilombo no sentido mais amplo da palavra, indo além do conceito de um espaço físico de fuga e autonomia, para se tornar uma continuidade de um processo de aquilombamento. O espaço pode ser visto como um território onde o aquilombamento, a reconstrução de uma identidade negra coletiva, acontece de maneira constante (Santos, 2015).

O Terreiro das Pretas é um espaço inspirado pela ancestralidade. É regido pela família Neves Carvalho (2025), família remanescente do Quilombo Saco dos Cansanção (Arapirina-PE) e que hoje reside na estrada de Santa Fé, em Crato. O Terreiro funciona como espaço de rota de fuga e luta contra o racismo, machismo, misoginia, xenofobia, intolerância religiosa e LGBTfobia, sendo também um local fundamental para a construção da identidade negra no Cariri, como afirma a intelectual negra Beatriz Nascimento (2022), em sua contextualização sobre o quilombo pensado na sociedade contemporânea. A autora acredita que a memória quilombola deveria ser resgatada e celebrada, não apenas como um evento histórico distante, mas como um patrimônio cultural vivo, que ajuda a formar a identidade afro-brasileira, como

acontece no Terreiro das Pretas.

O Terreiro está na família Carvalho (2025) há mais de 100 anos. Segundo as irmãs que contam detalhadamente a história do espaço, a família Neves nem sempre residiu no local, retornando para lá após um incêndio que queimou parte da propriedade na década de 1990, reconstruindo tudo que fora destruído. Na década de 2000, efetivaram a reforma da casa, preservando os espaços característicos do Terreiro, sendo reaberto em alvenaria, para as famosas e adoráveis kizombas, palavra de origem na língua quimbundo, falada em Angola, que significa “festa” ou “encontro de pessoas”. As irmãs Verônica Carvalho e Valéria Carvalho, duas mulheres negras, acreditam no resgate da ancestralidade negra e recorrem a ações afirmativas dessa cultura para permear a presença do povo negro e quilombola no Cariri.

No Terreiro elas recebem e acolhem todos os públicos, a fim de colaborar com o movimento de resistência da cultura negra. Elas afirmam que o terreiro encantado, como é popularmente conhecido o espaço, está aberto a todos que verdadeiramente buscam resgatar a memória e dinâmicas sociais do povo negro.

Somos mulheres negras, pretas! Descendentes de um povo quilombola. Nossa ancestralidade veio da Nigéria, Piauí, Pernambuco e Cariri. Continuamos na caminhada para valorizar nossa cultura e tradição, e nosso terreiro encantado é aberto para todos (CARVALHO, Verônica, 2025).

A chegada da família ao Cariri já concentrava algumas pessoas no centro da cidade de Crato. O Terreiro de Mãe Gil, como era chamada a residência da família Neves, na presença da mãe de Verônica e Valéria, atraía muitos amigos e parentes para “prosear” na calçada. “Não fomos nós que denominamos assim, nem tampouco nossa mãe”, afirmam as irmãs sobre o renome dado ao local. Elas contam que o Terreiro de Mãe Gil nada mais era do que um espaço familiar que reunia bastante gente conversando “miolo de pote”. Após o falecimento da mãe Gil, veio a mudança das irmãs do Centro do Crato para o sítio familiar, localizado na estrada de Santa Fé, na zona rural do sopé da Chapada do Araripe.

As pessoas não se ausentaram das visitas ao Terreiro; restituíram a ele uma nova nomenclatura: Terreiro das Pretas. Educadores e artistas populares da região, como João do Crato, Paulo Fuísca, entre outros, visitam com frequência o espaço, “visitam e dizem sentir um visgo”, diz Verônica (2025). Neste contexto, o “visgo” surge como uma armadilha de caça, algo que de início causa curiosidade e logo depois “te prende”. Assim acontece com a maioria das pessoas ao conhecer o Terreiro. Com maior concentração de pessoas indo ao espaço e aderindo a uma das práticas ancestrais mais conhecidas e utilizadas pelas irmãs, denominada “miolo de pote”, termo que logo a frente será discutido, o espaço foi ganhando reconhecimento e hoje é

considerado um ponto de cultura no Cariri. “O terreiro é o nosso quilombo, ele está onde nós tivermos. É mais que um local, é a nossa identidade” (Carvalho, 2025), afirmação que foi proferida junto à lembrança da movimentação já existente no terreiro da Mãe Gil e da perpetuação da cultura na família Neves.

Na obra *O Terreiro e a cidade*, Sodré (2002) defende que o terreiro não é só um espaço religioso, mas também uma forma de organização social, de transmissão de saberes, de acolhimento comunitário. Ele pensa o espaço como uma representação de um modo de viver e se relacionar com o mundo, ancorado em valores como ancestralidade, oralidade, respeito à natureza e hierarquias simbólicas. A cidade representa a modernidade ocidental, espaço muitas vezes hostil às expressões culturais, promovendo exclusões e apagamentos. Sodré (2002) não vê os dois como irreconciliáveis, mas acredita que o terreiro pode “reencantar” a cidade, trazendo outros modos de existência mais comunitários e simbólicos. No caso do Terreiro das Pretas, isso se traduz em ações práticas: rodas de conversa, oficinas, rituais, performances e educação antirracista.

O Terreiro das Pretas reafirma o terreiro como um modo de vida coletivo por onde se constroem redes de cuidado, ancestralidade e formação política, algo que Sodré (2002) valoriza como contranarrativa à fragmentação da cidade moderna. A afirmação do terreiro como um aquilombamento autônomo remete à proposta de Sodré (2002) de preservar e reinventar os saberes ancestrais em novos contextos. É um “terreiro na cidade”, uma forma de ancestralidade viva que dialoga com o feminismo negro, a arte e a educação libertadora. É a materialização contemporânea do “reencantamento da cidade” (Sodré, 2002), um espaço insurgente que desafia as lógicas da exclusão e reafirma os modos de ser e saber afro-brasileiros. Tal como o autor descreve, “parte do patrimônio cultural negro africano foi transferido para o Brasil através do terreiro” (2002, p. 52). Assim, o espaço ultrapassa o religioso e se torna político e pedagógico. O impacto dessa experiência no Cariri não é apenas cultural, mas político: o Terreiro das Pretas reconstrói, resgata e preserva a cultura negra de forma afetiva e simbólica, transformando a cidade e o encontro com subjetividades negras femininas. Em tempos de apagamento, o Terreiro reaparece como farol de reexistência.

4. MIOLANDO NO TERREIRO: AÇÕES E AFETOS ANTIRRACISTAS

Este estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa, articulando revisão bibliográfica e produção de dados em campo, com foco em narrativas situadas e experiências vividas. A pesquisa de campo ocorreu entre fevereiro e abril de 2025, tendo uma entrevista semiestruturada

e gravada presencialmente com Valéria Carvalho e Verônica Carvalho no dia 05 de fevereiro de 2025 no Terreiro das Pretas e uma ida ao local no dia 13 de março de 2025, no período noturno, para participar do CinemÁfrica. No campo, foram acompanhadas as atividades, com participação das dinâmicas coletivas em uma inserção implicada, marcada pela escuta, pela proximidade e pelas trocas afetivas com o grupo e fenômeno de pesquisa. Foram utilizados bloco de notas para anotações e câmera fotográfica do celular para registro de imagens.

Foi também realizada entrevista semiestruturada, de forma remota (*online*) e gravada, com os membros do Projeto Oliveira's, Antônio Carlos Dias Oliveira e Oliver Dias Oliveira, no dia 13 de abril de 2025, com duração média de 60 minutos. Os critérios de seleção dos entrevistados se deram pelo fato de ambos serem fundadores e principais articuladores do projeto, estando diretamente envolvidos na sua criação, coordenação e desenvolvimento das ações de comunicação comunitária. A entrevista possibilitou aprofundar as trajetórias, percepções e processos de criação do projeto, evidenciando como o audiovisual e a fotografia operam como ferramentas de memória, representação e resistência. Imagens do projeto foram cedidas pelos membros para esta pesquisa.

A observação participante possibilitou compreender as práticas no Terreiro em sua dimensão vivida, permitindo também acessar os sentidos produzidos nas interações do CinemÁfrica a partir da experiência direta no campo. É um método que, na área de Comunicação Social, liga-se, dentre outros fins, à importância de observar “experiências populares de comunicação voltadas para o desenvolvimento social” e “processos comunicativos interpessoais, grupais ou comunitários” (Peruzzo, 2009, p.131, 136). Por sua vez, a articulação entre estratégias metodológicas permitiu compreender o fenômeno de pesquisa em suas dimensões teórica e empírica de forma integrada. Ademais, a revisão bibliográfica esteve como constante aliada no desenvolvimento da investigação, especialmente no que se refere às discussões sobre comunicação, quilombos, oralidade e epistemologias negras. Nesse processo, reconhece-se a importância da reflexividade, entendendo que a presença em campo não é neutra, mas implicada e cooperativa, atravessada por afetos e dimensões políticas e simbólicas que também interagem com a produção e interpretação dos dados.

A miolagem, como uma metodologia da comunicação, é aqui apresentada, acompanhada da aproximação e observação participante no Terreiro das Pretas. Foram articulados conceitos, entrevistas e participação a partir de narrativas situadas. Nesse percurso, são abordadas, além da miolagem, por sugestão das irmãs Valéria e Verônica, as frentes de comunicação vinculadas ao GRUNEC/Terreiro das Pretas: CinemÁfrica e Projeto Oliveira's.

A aproximação com o CinemÁfrica em dia de atividade possibilitou uma imersão nas práticas e significados através da experiência cinematográfica localizada no Terreiro, considerando a natureza partilhada dessa ação e as interações com os presentes. O Projeto Oliveira's, por sua vez, foi abordado por meio de entrevista com seus organizadores cujos relatos revelam a potência do audiovisual e da fotografia como formas de expressão e memória. Essas estratégias metodológicas, juntas, permitiram uma apreensão situada e exequível dentro do período da pesquisa.

4.1 Miolagem

Para as gêmeas Valéria e Verônica, o afeto e a oralidade são, sem dúvidas, os meios, senão os principais meios, que permitem a continuidade de uma cultura. O termo “miolo de pote” adquire então um novo significado e hoje é considerado para o GRUNEC/Terreiro das Pretas uma tecnologia social, a partir de um saber ancestral transmitido de geração em geração.

O GRUNEC pratica a miolagem como rodas de conversas espontâneas, que asseguram a escuta e a fala de todos, valorizando realidades individuais. Expressão essa comumente utilizada pelas irmãs em suas ações diárias: a miolagem. Nessa prática, há o resgate de um saber ancestral, que privilegia a escuta ativa, a troca e a construção coletiva do conhecimento. Essas ativações da oralidade e da escuta atenta podem ser relacionadas com as reflexões da autora Conceição Evaristo, que também se referencia na oralidade como ferramenta de resistência e de afirmação de identidades negras. Para Evaristo (2006), a oralidade é uma estratégia de preservação da memória e de afirmação do sujeito negro, rompendo com as narrativas que buscam silenciá-lo.

Em sua obra *Becos da Memória*, Evaristo (2006) também ressalta o valor da “escuta”, do “dizer” e do “contar” que ressoam diretamente com a prática da “miolagem”. Ao criar espaços de diálogo sem roteiro fixo, a miolagem valoriza cada vivência como parte fundamental da coletividade, ainda que “miolo de pote” seja popularmente no Nordeste uma expressão associada à conversa sem importância. Para Verônica, as conversas mais importantes nascem por meio da miolagem. “Meu avô, dizia; o que que vai no pote? Água! Se o pote está vazio de água, ele tá cheio de quê? Ar! E água e ar são o quê? Vida!”. A miolagem é uma tecnologia social e político-afetiva que promove cura e construção coletiva, fortalecendo laços comunitários, autonomia e expressão cultural. Presente nas práticas do GRUNEC, a miolagem se manifesta no cotidiano das conversas e trocas de saberes, afirmando a identidade das pessoas negras e periféricas, como apontam Verônica e Valéria.

Em 2024, as irmãs foram premiadas e receberam certificação da fundação do Banco do

Brasil¹, por meio da rede de tecnologias sociais, com o tema “Miolagem-Transforma!”. Além desse reconhecimento, elas mencionam o processo de produção de um livro sobre a miolagem, enquanto metodologia científica. Entre as principais ações de combate ao racismo no Cariri citadas por Verônica, estão o CinemÁfrica e o Projeto Oliveira’s, que buscam preservar e fortalecer a identidade negra por meio de atividades culturais e da valorização da memória e tradições afro-brasileiras.

4.2 CinemÁfrica

Em 13 de março de 2025, o Terreiro das Pretas reuniu cerca de 45 pessoas para o retorno do CinemÁfrica, encontro mensal que une lua cheia, fogueira e cinema africano. Mais que uma exibição de filmes, o evento propõe uma experiência sensorial e coletiva, em que o cinema se torna um meio de reconexão com as narrativas afrocentradas. O evento acontece comumente no Terreiro das Pretas. A noite começou com um rito, uma reza em torno da fogueira mediada pelo coordenador do NEDESA (Núcleo de Estudos de Descolonização do Saber), Thiago Florêncio, professor na Universidade Regional do Cariri - URCA, também responsável por fazer a curadoria dos filmes, em colaboração com Verônica e Valéria.



Figura 1: Preces em torno da fogueira. Fonte: Acervo da pesquisa (2025)

A abertura do Terreiro das Pretas para o cinema africano ao luar nasceu do desejo das irmãs de fortalecer um espaço de trocas de saberes e afetos. Ali, a escrevivência, conceito de Conceição Evaristo, se fazia presente nas palavras, nos silêncios, nos cantos e gestos, guiando

¹ É possível ter mais informações em: <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/miolagem>. Acesso em: 13 out. 2025.

a forma como a narrativa é contada. A primeira exibição foi do vídeo *Verbo Ser - Liberdade*, de Nívia Uchôa (2025), cineasta, professora, fotógrafa e poeta, que tratou da violência contra as mulheres de modo performático e profundo. Suas imagens ultrapassavam a ficção: eram recortes da realidade sensível e convites à reflexão.

Em seguida, foi exibido *Grunec: retratos de uma história*, dirigido por Carlos Dias Oliveira (2025), que apresentou fotos reveladas do grupo GRUNEC/Terreiro das Pretas, ressaltando o espaço como território de fé, resistência e memória. A narrativa visual reafirmava a luta e a continuidade do povo negro, especialmente das mulheres negras do Cariri, que se refazem a cada geração. Segundo o diretor, “a memória não é só o que já passou, é o que estamos construindo agora”. As imagens mostravam momentos como rodas de conversa e a Marcha das Mulheres Negras do Cariri, reforçando a potência coletiva. Ao final, uma roda de conversa reuniu os participantes para celebrar o retorno do CinemÁfrica e reafirmar a importância da ancestralidade negra como força que move e renova o Terreiro.



Figura 2: Marcha das Mulheres Negras no Cariri no filme *Grunec: retratos de uma história*, de Carlos Dias (2025). Fonte: Acervo da pesquisa (2025)



Figura 3: Fala de Valéria Carvalho durante exibição de filmes - 13 de março de 2025. Fonte: Acervo da pesquisa (2025)

Ao tratar da vida das pessoas negras, o cinema vai além de refletir a realidade: torna-se uma ferramenta de comunicação e questionamento social. Sua força está em desafiar estereótipos, amplificar vozes silenciadas e expandir o entendimento coletivo sobre as complexidades da experiência racial. Quando o olhar se volta à vivência negra, a experiência cinematográfica se torna uma ponte para a compreensão das complexidades dessa vivência, marcada por uma história de resistência e luta contra o racismo estrutural.

Uma outra prática adotada pelo Terreiro nas noites do CinemÁfrica é a partilha solidária da alimentação. Quem participa pode contribuir com alimentos para o lanche coletivo. Essa prática está enraizada nas experiências históricas e culturais dos afrodescendentes que, ao longo de séculos, tiveram suas culturas e tradições reconfiguradas ou subtraídas pela colonização. Compartilhar comida é uma forma de manter viva a memória dos ancestrais. Muitos pratos tradicionais surgiram da resistência à escravidão e da criatividade frente à escassez. Quando esses alimentos são preparados e partilhados, compartilham-se também história e identidade. O ato de compartilhar a comida se torna um modo de fortalecer laços comunitários, reafirmar as raízes culturais e resistir à marginalização e à opressão. Nos contextos afrodiaspóricos, o alimento é afeto e memória, símbolo de cura e acolhimento. O comer junto rompe a lógica individualista e reafirma a conexão, a troca e o pertencimento, como acontece nas várias ações do Terreiro das Pretas.

4.3 Projeto Oliveira's

O Projeto Oliveira's é uma iniciativa de comunicação comunitária situada no bairro

Barro Branco, em Crato (CE), originada em 2020, durante a pandemia da COVID-19, por Antônio Carlos Dias Oliveira, homem gay, preto, historiador e comunicador popular; Oliver Dias, pessoa não binária, preta e estudante de Jornalismo; e Geíza Dias, estudante de Ciências Sociais. O projeto tem como objetivo construir uma comunicação antirracista, afetiva e representativa, criando um espaço seguro e acolhedor para pessoas negras e LGBTQIA+. Utilizando audiovisual, fotografia e música como ferramentas de expressão e fortalecimento identitário, o Oliveira's busca romper com os estigmas e a invisibilidade das vivências negras e homoafetivas no Cariri, promovendo oficinas, ações culturais e produções colaborativas que valorizam o protagonismo das juventudes periféricas, sobretudo em comunidades e escolas.

Carlos se perguntava “como era possível que histórias como a de Dona Maria, que cozinhava e dividia sua comida com vizinhos, ou a de Seu João, que cultivava milho e feijão para trocar ou doar a quem precisasse, simplesmente não existissem nos registros” (Oliveira, Carlos. Entrevista concedida, via *Google Meet*, em 13 abr. 2025). Entre 2012 e os anos recentes, ele observou uma transformação profunda no Barro Branco. O que antes era uma área verde e arborizada deu lugar à urbanização acelerada, com novas casas, expansão do bairro e criação de conjuntos habitacionais. Essa mudança, percebida inicialmente por imagens do *Google Maps*, foi acompanhada por outras percepções de Oliveira, que notou também que as representações visuais do bairro disponíveis na *internet* estavam ligadas a páginas policiais e sensacionalistas, retratando o lugar como espaço de perigo e abandono.

Essa ausência de imagens diversificadas e a predominância de uma estética do medo revelam como os dispositivos de registro visual também operam como instrumentos de exclusão simbólica. Diante disso, o fundador do projeto percebeu que recontar a história do bairro exigia não apenas escrever sobre ele, mas também produzir imagens que o representassem com dignidade, afeto e respeito. Nesse sentido, o Projeto Oliveira's, ao reunir pessoas negras e LGBTQs para a produção de curtas-metragens e outras expressões audiovisuais, promove um exercício de autonomia criativa, permitindo que os próprios participantes sejam responsáveis pela construção de suas representações.

Por ser um projeto voluntário e experimental, as dificuldades atravessadas foram muitas. No início, as limitações materiais e financeiras impunham desafios concretos: não tínhamos recursos, equipamentos ou estrutura (OLIVEIRA, Carlos. Entrevista concedida via *Google Meet*, em abril de 2025).

A conquista de um edital do Fundo Baobá, em 2022, possibilitou a aquisição de uma câmera, tripé, luzes e computador, marcando um novo momento para o grupo, que passou a aprofundar os conhecimentos em fotografia, edição e formação midiática. Ao possuir equipamentos de audiovisual e observar que muitas pessoas negras e LGBTQIA+ ao seu redor

tinham potencial, mas não acesso, o Oliveira's passou a compartilhar os materiais adquiridos, entendendo que não era necessário centralizar a produção, mas fortalecer o acesso coletivo. Carlos (2025) relata então que

O Oliveira's foi se consolidando como uma oficina colaborativa de produção e difusão audiovisual, onde os equipamentos circulam pelos territórios, permitindo que mais pessoas possam criar, mesmo com poucos recursos. Essa dinâmica fortaleceu a ideia de que o acesso aos materiais é um direito, especialmente para quem sempre foi excluído dessas possibilidades.

Os cofundadores do Oliveira's relatam ainda uma experiência que vivenciaram em uma comunidade quilombola, onde, ao perceberem o receio das pessoas da comunidade com a câmera, optaram por não fotografar ninguém diretamente. Em vez disso, instalaram a câmera em um tripé e a deixaram lá, mostrando que a câmera também pode ser uma aliada, e não apenas um instrumento de exposição. Com o tempo, as crianças se aproximaram, curiosas para explorar o equipamento e participar das fotos, transformando um ambiente, antes marcado pela desconfiança, em um espaço de troca, descoberta e encantamento.



Figura 4: Comunidade Quilombola Arrudas. Fonte: Projeto Oliveira's (2022)

A imagem não é neutra: carrega marcas de poder, colonialidade e exclusão. Por isso, nas oficinas do Projeto Oliveira's, o uso da câmera vai além da técnica, tornando-se uma prática

coletiva de autoria. Crianças e jovens aprendem a contar histórias pelo próprio olhar, em um processo de reencantamento com a autoimagem. Quando crianças negras afirmam não se acharem bonitas ou “não saírem bem na foto”, expressam o peso de séculos de invisibilidade estética. O Oliveira’s busca romper essa lógica, promovendo experiências de reconhecimento, beleza e pertencimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos o Terreiro das Pretas como uma relevante frente de comunicação antirracista no Cariri cearense, uma vez que suas atuações como aquilombamento contemporâneo e espaço autônomo de articulação política, cultural e afetiva, estimula relações comunitárias e contribui para a relevância das histórias e identidades negras da região. O Terreiro desenvolve práticas que rompem com a lógica excludente da mídia tradicional e constrói narrativas protagonizadas por sujeitos negros e periféricos. Suas ações vão além da produção de conteúdo: elas são pedagogias vivas de resistência e transformação social.

Por meio da miolagem e de projetos como o CinemÁfrica e o Oliveira’s, articulados como coletivos do GRUNEC, esse aquilombamento se consolida como um portal de comunicação que valoriza a memória negra, denuncia o racismo estrutural e propõe novas formas de existir e narrar. Oficinas, rodas de conversa, exibições audiovisuais, ações formativas e espaços de escuta são ativados como ferramentas políticas e comunicativas, transformando o território e criando redes de fortalecimento comunitário. Trata-se de uma comunicação que nasce das vivências negras e que se estrutura com base na ancestralidade, na escuta coletiva e no compromisso ético com a justiça social.

A miolagem, o CinemÁfrica e o Projeto Oliveira’s se constituem como práticas de comunicação antirracista ao desafiar as narrativas hegemônicas e construírem novos imaginários a partir da perspectiva de sujeitos negros. O CinemÁfrica atua por meio da exibição e debate de produções audiovisuais africanas e afrodiaspóricas, promovendo a valorização da estética negra, a reconstrução de memórias e a problematização de estereótipos historicamente reproduzidos pelo cinema ocidental. Já o Projeto Oliveira’s mobiliza a fotografia e o vídeo como ferramentas de escuta e visibilidade, documentando experiências cotidianas, territórios, afetos e lutas que comumente são silenciados ou distorcidos pelos meios de comunicação tradicionais. Essas práticas operam pela criação de narrativas contra-hegemônicas, que afirmam identidades negras com dignidade, complexidade e potência, constituindo-se como ações políticas de resistência e reexistência nos modos de fazer da comunicação.

Ancoradas em revisão bibliográfica, entrevistas e observação participante, destacamos que o Terreiro insere suas ações em um longo histórico de lutas negras no Cariri cearense, recuperando os legados dos quilombos, das mulheres negras e das mobilizações populares. Nesse processo, o afeto partilhado emerge como um elemento central, que sustenta vínculos, promove o cuidado e afirma a dignidade como parte da luta política e de uma comunicação antirracista emancipadora que irradia do sopé da Chapada do Araripe.

REFERÊNCIAS

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARVALHO, V. N. N.; CARVALHO, V. G. N. Representantes do Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC). **Entrevista** concedida presencialmente em 5 fev. 2025.

CUNHA, L. M.; SILVEIRA, I. M. M. da (orgs.). **Expressões da questão social no Ceará** [livro eletrônico]. Fortaleza: Editora da UECE, 2021.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

GRUNEC: retratos de uma história. Direção: Carlos Dias Oliveira. Crato: GRUNEC – Grupo de Valorização Negra do Cariri, 2025. 1 vídeo (15 min 53 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fz4tPaGs4fQ>. Acesso em: 13 out. 2025.

GUENA, M.; SANTOS, C.; SILVA, A. R. da. **Comunicação e relações étnico-raciais: mapeamento de estudos sobre racismo, mulher negra e religiosidade na Intercom de 1998 a 2022**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. Anais... São Paulo: Intercom, 2023.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. 1. ed. São Paulo: Editora João Scortecci, 1980.

NASCIMENTO, B. **O negro visto por ele mesmo**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NUNES, C.; PAZ, D. 190 anos de imprensa negra: história, luta e legado. **Alma Preta**, 14 set. 2023. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/190-anos-imprensa-negra-historia-luta-legado/>. Acesso em: 8 maio 2025.

OLIVEIRA, C. D.; OLIVEIRA, O. D. **Entrevista** concedida online via Google Meet em 13 abr. 2025.

PERUZZO, C. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA, B.; SANTANA, C. **Por uma semiótica antirracista**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, virtual. Anais... São Paulo: Intercom, 2020.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

_____. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

VERBO SER - Liberdade. Direção: Nívia Uchôa. Crato: Poesia da Luz, 2025. 1 vídeo (10 min).

Marcela Kaylany Gomes da Silva

Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Elane Abreu de Oliveira

Professora de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional